

Teatro

8, 9, 10 Abril 2010

Notre terreur

O Nosso terror

Um espectáculo d'ores et déjà

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Criação colectiva d'ores et déjà **Encenação** Sylvain Creuzevaut

Com Samuel Achache (Collot), Benoit Carré (Barère, Éléonore), Antoine Cegarra (Priour), Éric Charon (Robespierre), Pierre Devérines (Lindet), Vladislav Galard (Saint-Just), Lionel Gonzalez (Couthon, Vadier), Arthur Igual (Billaud), Léo-Antonin Lutinier (Carnot, Danton) **Figurinos** Pauline Kieffer **Cenografia** Julia Kravtsova

Marionetas e máscaras Joseph Lapostolle e Loïc Nébréda **Luz** Vyara Stefanova

Direcção técnica Cédric Lemaignan **Administração e produção** Louise Gasquet e Élodie Régibier

Tradução portuguesa e legendagem Marta Lisboa **Co-produção** d'ores et déjà, La Colline - Théâtre National, Festival d'Automne à Paris, Nouveau Théâtre d'Angers - Centre dramatique national des Pays de la Loire, Célestins - Théâtre de Lyon, Culturgest

Participação artística do Jeune Théâtre National **Residência artística** no Nouveau Théâtre d'Angers

Apoio institucional Comissão para as Comemorações do Centenário da República

Apoio Culturesfrance - Ministère des Affaires Étrangères **Estreia** 16 de Setembro de 2009 em La Colline - Théâtre National, no quadro do Festival d'Automne à Paris

Qui 8, Sex 9, Sáb 10 de Abril

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 2h15 · M12

Espectáculo em francês, com legendas em português

O nosso terror não é o Terror, antes uma paisagem onde um homem por um instante se retira dentro da sua consciência, como solidão distância do desejo. Ser totalmente tomado pela sua consciência equivalerá a pôr em xeque a ideia de vontade geral? Será tirania da opinião erguer-se só contra todos? Ou poderá, esta solidão de agir, ser pensada como liberdade individual política, um EU enquanto devir do bem comum? Este risco não valerá o esforço? Não será uma substância do NÓS? A 9 de Termidor, impedir-se-á Robespierre de voltar ao NÓS. Acabará por não implorar, mas por acusar. É, evidentemente, o que o vai perder. O d'ores et déjà decidiu fazê-lo correr este risco no teatro, e pensa que ele o correu historicamente. Nos dois

casos, o fim é o mesmo: é esmagado. Mas deveria calar-se quando uma parte da representação nacional aviltada construía sobre a sua cabeça a máscara do inimigo a abater e, sobre o seu corpo uma vez abatido, o lugar de um símbolo que hoje em dia ainda se transmite tal qual e reaccionário: o homem de sangue do Terror? O Estado francês Termidoriano tinha de criar uma figura que se tornasse A violência revolucionária inaugural, O terror, O terrorista. Tinha de encobrir os crimes que a História lhe atribuiria. Fez melhor, fez a História. O nosso terror quer através do teatro denunciar esta impostura, e escová-la a contrapelo.

O governo do Terror

[...] Sob o Terror, é o Comitê de Salvação Pública que governa a França, uma França completamente desorganizada por um ano de República, doze homens, sempre os mesmos, encabeçaram-no de Setembro de 1793 até ao 27 de Julho seguinte, 9 de Termidor do ano II segundo a linguagem revolucionária. Mas nunca estiveram sentados todos juntos em volta da mesa do pano verde. Um de entre eles, condenado à morte pelos outros, deixará o seu lugar vago. Alguns estavam geralmente retidos longe pela sua missão na Bretanha, na Alsácia ou na Flandres. Mas a sua presença fazia-se sentir pelos despachos que vinham juntar-se regularmente à abundante enxurrada de correspondên-

cia que recebiam todos os dias os que tinham ficado em Paris. De todos os comissários que tinham lugar em volta da mesa verde nenhum dirigia as reuniões. Mas, mesmo se não reconheciam um presidente, Robespierre era já o mais célebre para lá das Tulherias.

O Comitê tratava dos assuntos correntes a toda a hora, mas as suas reuniões verdadeiras decorriam à noite, em segredo, à porta fechada. Ninguém sabia exactamente o que se passava nesses conclaves. [...] Sem dúvida que os debates foram acalorados e que os Doze tinham bastantes segredos. De opiniões por vezes muito afastadas, exaustos de fadiga e com os nervos por um fio, o espírito inflamado pela exaltação revolucionária, enfrentavam-se sem cerimónia. Eram, na sua maioria, indivíduos obstina-

dos, susceptíveis, coléricos. No entanto, quase até ao fim, conseguiram actuar de comum acordo e guardar para si os seus diferendos pessoais.

Dirigiam um país profundamente perturbado por quatro anos de revolução. A Convenção reivindicava um poder absoluto que metade do país lhe recusava. A guerra civil dilacerava o oeste e o sul de França. Os planos elaborados mais cedo, numa fase anterior da Revolução que se supõe mais ponderada, tinham-se desmoronado. Tornadas incontroláveis, as autoridades locais e periféricas eram agora focos de agitação. Clubes políticos e comitês revolucionários tomavam cada vez mais iniciativas. Paris estava em efervescência; oradores e demagogos, agentes secretos dos dois lados, extremistas e contra-revolucionários de toda a ordem percorriam as ruas em todos os sentidos.

Desertores, padres disfarçados, estrangeiros de aspecto bizarro acotovelavam-se com patriotas meio loucos e pretensos “salvadores da pátria”. Nas fronteiras, os exércitos inglês, holandês, espanhol, prussiano e austríaco avançavam sobre a França. Os portos estavam praticamente bloqueados pelos navios britânicos. Para lá da frente erguia-se uma Europa unanimemente hostil, encorajada pelos emigrantes franceses, os conservadores de todos os países atormentados pelo pânico. O papa e a hierarquia católica, assim como a grande Catarina da Rússia, perto da morte, excitavam os aliados ao mesmo tempo que se recusavam a juntar-se-lhes.

Anarquia no interior, invasão no exterior. Um país que se fractura sob as pressões externas, que se desintegra sob as tensões internas. A Revolução atinge o

seu auge. Guerra. Inflação. Fome. Medo. Ódio. Sabotagem. Esperanças fabulosas. Idealismo sem freio. E, para os que estão no poder, a horrível certeza, se falharem, de morrer como criminosos, como assassinos do seu rei. O temor terrível de ver então aniquiladas todas as conquistas da Revolução. A convicção, se a levarem de vencida, de instaurar a liberdade, a igualdade, a fraternidade. [...]

Robert R. Palmer
Le Gouvernement de la Terreur, Paris,
Armand Collin, 1989, pp. 18-19.



© Marine Fromanger

Cronologia

10 de Agosto de 1792

Queda da monarquia constitucional e Comuna Insurreccional de Paris.

17 de Agosto de 1792

Tribunal criminal extraordinário instituído pela Assembleia Legislativa.

22 de Setembro de 1792

(1 de Vindimário do ano I)
Proclamação da República. A 14 de Vindimário do ano II (5 de Outubro de 1793) a Convenção decretará que o começo da era republicana (ano I) é fixado na data da proclamação da República.

21 de Setembro de 1792 – Maio de 1793

(12 de Prairial do ano I)
Convenção Girondina. Primeiro período da Convenção Nacional. A Assembleia está sob a influência dos *brissotins* ou Girondinos, revolucionários moderados opostos à centralização parisiense do poder.

21 de Janeiro de 1793

(2 de Pluvioso do ano I)
Execução de Luís XVI.

10 de Março de 1793

(20 de Ventoso do ano I)
Criação do Tribunal Revolucionário. Activo a partir de 29 de Março, o Tribunal Revolucionário tem por missão proceder ao reconhecimento de todos os “atentados contra a República”.

6 de Abril de 1793

(17 de Germinal do ano I)
Formação do Comité de Salvação

Pública. Corpo executivo instalado pela Convenção Nacional para fazer frente à situação de urgência criada pela guerra e a contra-revolução.

31 de Maio – 2 de Junho de 1793

(12-14 de Prairial do ano I)
Jornadas Insurreccionais; acusação e proscricção dos Girondinos.

2 de Junho de 1793 – 27 de Julho de 1794

(14 de Prairial do ano I – 9 de Termidor do ano II)
Convenção Montanhesa. Segundo período da Convenção Nacional. A Montanha, facção radical dos clubes revolucionários (essencialmente do Clube dos Jacobinos), emerge como entidade política no decurso do ano de 1792. Os seus representantes, apoiados pelos *sans-culottes* e todos os deputados parisienses, Marat, Danton, Robespierre, etc., exigem que a Revolução seja levada ao seu termo.

24 de Junho de 1793

(6 de Messidor do ano I)
Adopção da Constituição do Ano I (Constituição Montanhesa). Provisoriamente adiada até à paz, esta constituição não chegou a ser aplicada.

27 de Julho de 1793

(9 de Termidor do ano I)
Robespierre entra para o Comité de Salvação Pública.

4-5 de Setembro de 1793

(18-19 de Frutidor do ano I)
Movimento popular em Paris; a Convenção coloca o Terror na ordem do dia; formação de um exército revolucionário.

17 de Setembro de 1793 (1º complementar

[festa da virtude] do ano I)
Lei dos suspeitos. O ano de 1793 é marcado por uma inflação de decretos contra os suspeitos. A Convenção Nacional quer codificar estes decretos e a lei de 17 de Setembro enumera todas as categorias de culpados, ou seja, todos os “inimigos da Revolução”.

29 de Setembro de 1793

(8 de Vindimário do ano II)
Instituição do Preço Máximo Geral. Taxa os produtos de primeira necessidade e congela os salários.

10 de Outubro de 1793

(19 de Vindimário do ano II)
O Comité de Salvação Pública decreta que o “governo de França será revolucionário até à paz”.

24 de Março de 1794

(4 de Germinal do ano II)
Prisão, processo e execução dos hebertistas, partidários de Jacques Hébert, favoráveis a uma radicalização do regime de Terror. Os hebertistas recomendam medidas económicas e sociais radicais próximas das dos “Raivosos”.

5 de Abril de 1794

(16 de Germinal do ano II)
Prisão, processo e execução dos dantonistas. O epíteto de “indulgente” designa, a partir do Verão de 1793, de forma pejorativa, os novos moderados dos revolucionários, igualmente chamados “dantonistas”.

8 de Junho de 1794

(20 de Prairial do ano II)
Festa do Ser Supremo.

10 de Junho de 1794

(22 de Prairial do ano II)
Refundição do Tribunal Revolucionário; decreto organizando o Grande Terror.

26 de Julho de 1794

(8 de Termidor do ano II)
Robespierre toma a palavra na tribuna da Convenção; denuncia uma “horda de patifes” espalhados pelas filas da Assembleia. Acusação não-nominativa de corrupção e manipulação entre os deputados e os membros do Comité de Segurança Geral. Os seus adversários reuniram-se nessa tarde a fim de preparar uma ofensiva concertada.

27 de Julho de 1794

(9 de Termidor do ano II)
Acusação e prisão de Robespierre e dos seus partidários; tentativa de insurreição popular. Insurreição da Comuna e do Clube dos Jacobinos: os deputados são libertados e reúnem-se, depois de diversas peripécias, na Câmara Municipal – o Hôtel de Ville. Na noite de 9 para 10 de Termidor, a insurreição marca passo e dispersa-se. A Convenção volta à carga, colocando Robespierre e os seus partidários fora da lei, excluindo a possibilidade de uma comparência diante do Tribunal Revolucionário.

28 de Julho de 1794

(10 de Termidor do ano II)
Robespierre e 21 dos seus companheiros são guilhotinados na Praça da Revolução. No dia seguinte, seguem-se-lhes mais 70. No total, 117 insurrectos serão executados, no essencial membros da Comuna Insurreccional.

Robespierre

Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794), dito “O Inocorrúptível”, dominou o Comité de Salvação Pública e foi um dos principais responsáveis pelo governo do Terror. Grande orador, foi advogado de província em Arras, fez parte da Assembleia Constituinte em 1789, integrou o clube dos jacobinos e foi uma das principais figuras da Montanha na Convenção Girondina. Opôs-se, sucessivamente, aos girondinos, aos hebertistas e aos dantonistas. Através da sua acção no Comité procurou instaurar uma República democrática, da Virtude. Fez o seu último discurso à Convenção a 8 de Termidor do ano II. É preso pelas 16h, conduzido aos Comitês que tinha acusado na véspera no seu discurso a fim de ser interrogado, depois conduzido ao Luxembourg (administração da polícia municipal). É daí “libertado” pelas 21h, levado ao Hôtel de Ville no seio da Comuna. Por volta das 22h, Robespierre é declarado fora da lei pela Convenção Nacional. De noite, pelas 2h30, um polícia penetra no Hôtel de Ville, localiza Robespierre e dispara-lhe um tiro de pistola no maxilar, a menos que tenha sido Robespierre a tentar suicidar-se. É arrastado para a Convenção Nacional, para o Comité de Salvação Pública, depois para o Hôtel-Dieu pelas ruas, depois para a Conciergerie, depois enfim para a Praça da Revolução, onde é guilhotinado.

Três excertos

A resistência à opressão

Há opressão contra o corpo social quando um só dos seus membros é

oprimido; há opressão contra cada membro quando o corpo social é oprimido; quando o governo oprime o povo, a insurreição do povo inteiro e de cada porção do povo é o mais santo dos deveres; quando a garantia social falta a um cidadão, ele entra no direito natural de se defender por si. Num e outro caso, sujeitar a formas legais a resistência à opressão é o derradeiro requinte da tirania.

[“Projecto de declaração dos direitos do homem e do cidadão” de 24 de Abril de 1793]

O objectivo da Revolução

Qual é o objectivo para onde caminhamos? O gozo aprazível da liberdade e da igualdade; o reino desta justiça eterna cujas leis foram gravadas não sobre o mármore e a pedra mas nos corações de todos os homens, mesmo no do escravo que as esquece, e do tirano que as nega.

Queremos uma ordem de coisas onde todas as paixões baixas e cruéis sejam acorrentadas, todas as paixões benfazejas e generosas despertadas pelas leis; onde a ambição seja o desejo de merecer a glória e de servir a pátria; onde as distinções nasçam da própria igualdade; onde o cidadão se submeta ao magistrado, o magistrado ao povo e o povo à justiça; onde a pátria assegure o bem-estar de cada indivíduo, e onde cada indivíduo goze com orgulho da prosperidade e da glória da pátria; onde todas as almas se engrandeam pela comunicação continuada dos sentimentos republicanos e pela necessidade de merecer a estima de um grande povo; onde as artes sejam as condecorações da liberdade que as enobrecce, o comércio a fonte da riqueza pública e

© Marine Fromanger



© Marine Fromanger

não apenas da opulência monstruosa de algumas casas.

Queremos substituir no nosso país o egoísmo pela moral, a honra pela probidade, os usos pelos princípios, as decências pelos deveres, a tirania da moda pelo império da razão, o desprezo da infelicidade pelo desprezo do vício, a insolência pela audácia, da vaidade pela grandeza da alma, o amor do dinheiro pelo amor da glória, a boa companhia pela boa gente, a intriga pelo mérito, o espírito pelo génio, a ostentação pela verdade, os aborrecimentos da volúpia pelo encanto da felicidade, a pequenez dos grandes pela grandeza do homem, um povo amável, frívolo, miserável por um povo magnânimo, poderoso e feliz, quer dizer todos os vícios e todos os ridículos da monarquia por todas as virtudes e todos os milagres da República.

Queremos, numa palavra, preencher os votos da natureza, cumprir os destinos da humanidade, manter as promessas da filosofia, absolver a providência do longo reino do crime e da tirania. Que a França, outrora ilustre entre os países escravos, eclipsando a glória de todos os povos livres que existiram, se torne o modelo das nações, o pavor dos opressores, o consolo dos oprimidos, o ornamento do universo, e que ao selarmos a nossa obra com o nosso sangue possamos ao menos ver brilhar a aurora da felicidade universal. Eis a nossa ambição, eis o nosso objectivo.

O Terror

Se a força do governo popular durante a paz é a virtude, a força do governo popular durante a revolução é simultaneamente a virtude e o terror: a virtude, sem a qual o terror é funesto; o terror,

sem o qual a virtude é impotente. O terror não é senão a justiça pronta, severa, inflexível; é portanto uma emanção da virtude; é menos um princípio particular do que uma consequência do princípio geral da democracia aplicado às mais prementes necessidades da pátria.

Disse-se que o terror era a força do governo despótico. Parece-se então o vosso com o despotismo? Sim, como o gládio que brilha nas mãos dos heróis da república se parece com o que arma os satélites da tirania. Que o déspota governe pelo terror os seus súbditos embrutecidos; tem razão, como déspota; domai pelo terror os inimigos da liberdade e tereis razão, como fundadores da República. O governo da revolução é o despotismo da liberdade contra a tirania. [...] Que a tirania reine um único dia, no dia seguinte não restará um único patriota. Até quando se chamará justiça ao furor dos déspotas, e barbárie ou rebelião à justiça do povo? Como nos compadecemos dos opressores e somos inexoráveis para com os oprimidos! Nada de mais natural: quem quer que não odeie o crime não pode amar a virtude. É preciso no entanto que um ou outro sucumba. Indulgência para os realistas, gritam alguns. Perdão para os celerados! Não: perdão para a inocência, perdão para os fracos, perdão para os infelizes, perdão para a humanidade! ["Sobre os princípios de moral política", discurso à Convenção Nacional de 5 de Fevereiro de 1794]

Outros nomes

Barère

Bertrand Barère (1755-1841), jurista, foi um dos oradores mais importantes da Revolução. No Comité de Salvação Pública, onde fez entrar Prieur e Carnot, foi o membro que mais tempo o integrou; ocupa-se da diplomacia, da instrução pública e das artes, bem como do secretariado. Fazia os relatórios do Comité à Convenção. Nos acontecimentos de Termidor só tardiamente escolhe o seu campo, mas poderá ter estado por trás da conspiração contra Robespierre.

Billaud

Jacques Nicolas Billaud-Varenne (1756-1819), dito "o tigre", encarrega-se no Comité de Salvação Pública, com Collot, da correspondência com os represen-

tantes em missão. Afasta-se gradualmente de Robespierre, juntando-se com Collot, à conspiração que prepara a queda do "tirano". A 9 de Termidor ataca Robespierre na Convenção, depois de Saint-Just ter sido interrompido. Foi deportado para Guiana em 1799.

Büchner

Karl Georg Büchner (1813-1837), dramaturgo alemão, escreveu a peça *A Morte de Danton* entre Outubro de 1834 e Janeiro de 1835, apoiando-se em fontes históricas francesas e inspirando-se em Shakespeare para a estrutura do texto. Mais do que um drama histórico, trata-se da autópsia de uma revolução, acompanhando os principais episódios dos últimos dias de Danton e adquirindo no final uma dimensão cósmica e trágica.



© Marine Fromanger

Inspirada numa novela de Anna Seghers, a peça *A Missão* (1979) de Heiner Müller tem *A Morte de Danton* como pano de fundo.

Carnot

Lazare Nicolas Marguerite Carnot (1753-1823) foi matemático, físico e general. Como membro do Comité de Salvação Pública criou os catorze exércitos da República, ocupou-se das operações militares e ficou conhecido como “organizador da vitória”. A 8 e 9 de Termidor toma posição contra Robespierre e Saint-Just. Integra depois o Directório.

Cécile Renault

Cécile-Aimée Renault (1774-1794), filha de um papelheiro, foi acusada de tentar assassinar Robespierre, sendo guilhotinada a 17 de Junho de 1794 juntamente com 53 suspostos cúmplices.

Collot

Jean-Marie Collot (1749-1796), dito Collot d’Herbois, foi actor, autor dramático e director de teatro. Entra para o Comité ao mesmo tempo que Billaud. Enviado em missão, comanda represálias violentas contra a revolta em Lyon. A 9 de Termidor presidia à Convenção e foi um dos artesãos do decreto de prisão de Robespierre e dos seus partidários. Foi deportado para a Guiana em 1795.

Couthon

Georges Auguste Couthon (1755-1794) é adjunto e depois membro do Comité de Salvação Pública; é enviado em missão ao exército dos Alpes e faz o cerco de Lyon. Eleito presidente da Convenção em 21 de Dezembro de 1793, contribui para a queda de hebertistas e danto-

nistas. Foi o relator da lei do “Grande Terror” e da refundição do Tribunal Revolucionário. A 9 de Termidor é acusado de formar com Robespierre e Saint-Just um triunvirato aspirando à ditadura. No dia seguinte é o primeiro a ser executado.

Danton

Georges Jacques Danton (1759-1794) terá sido um dos responsáveis pela queda da monarquia a 10 de Agosto de 1792. Foi nomeado pelos girondinos para o Ministério da Justiça. Depois, no primeiro Comité de Salvação Pública, que domina, recusa as medidas revolucionárias de Robespierre, perante o descontentamento da Comuna. Tenta proteger os girondinos da Montanha aliada aos *sans-culottes*. Apoia Robespierre contra os hebertistas, mas depois da sua supressão é por ele atacado, sendo guilhotinado a 5 de Abril de 1794.

Desmoulins

Lucie-Simplice-Camille-Benoît Desmoulins (1760-1794) foi advogado e jornalista, grande amigo de Robespierre. Foi secretário do Ministério da Justiça dirigido por Danton. Afasta-se gradualmente dos montanheses, depois da condenação dos girondinos. Funda o jornal *Le Vieux Cordelier*. Considerado dantonista, é guilhotinado a 5 de Abril de 1794. A sua mulher, Lucile, é executada uma semana mais tarde.

Éléonore

Marie-Éléonore Duplay (1768-1832) é filha do casal que acolheu Robespierre de 1791 até à sua morte. Terá sido noiva de Robespierre.

Hérault de Séchelles

Marie-Jean Hérault de Séchelles (1759-1794) terá participado na tomada da Bastilha, contribuiu para a formação do primeiro tribunal revolucionário, foi presidente da Assembleia Legislativa e da Convenção, tendo sido o principal redactor da Constituição Montanhesa. No Comité de Salvação Pública encarregou-se da diplomacia. Foi condenado e executado com os dantonistas.

Lindet

Jean-Baptiste Robert Lindet (1746-1825) ocupa-se no Comité das finanças, dos mantimentos e da correspondência. Desenvolve um trabalho importante na agricultura, nos transportes e no comércio. Recusa assinar a prisão de Danton e previne-o. Não desempenha nenhum papel no 9 de Termidor.

Prieur

Claude-Antoine Prieur-Duvernois (1763-1832), dito Prieur de la Côte-d’Or, era a seguir a Saint-Just o mais novo dos membros do Comité de Saúde Pública. Em colaboração com Carnot, dedicou-se ao armamento, hospitais e recuperação do salitre para fabrico de pólvora. Co-fundador da Escola Politécnica. Fez adoptar o sistema métrico.

Saint-Just

Louis Antoine Léon de Saint-Just (1767-1794) ficou conhecido como o “arcanjo do Terror” ou o “arcanjo da Revolução”. O mais novo deputado da Convenção, é um dos seus principais oradores desde o processo de Luís XVI. Participa na queda dos hebertistas e dos dantonistas. Em missão junto do exército do Norte, dirige operações apesar das reservas de

vários generais. Opõe-se a Carnot nas questões militares. A 9 de Termidor, é interrompido na Convenção por Tallien e remete-se ao silêncio. É guilhotinado no dia seguinte, com 26 anos.

Tallien

Jean-Lambert Tallien (1767-1820) tornou-se conhecido através do seu jornal *L’Ami des citoyens*. Contribuiu para a queda dos girondinos. Em missão em Bordéus usou de extrema violência antes de se apaixonar por uma prisioneira, Thérèse Cabarrus, passando a ser acusado de moderado e protector de suspeitos. Foi denunciado por Robespierre e atacou-o no golpe de 9 de Termidor. Foi uma das principais figuras da reacção termidoriana.

Vadier

Marc-Guillaume Alexis Vadier (1736-1828), dito “o grande inquisidor”, é presidente do Comité de Segurança Geral, órgão policial e repressivo do Terror. Esteve na origem da morte de Camille Desmoulins, que o tinha posto em causa no jornal *Le Vieux Cordelier*. Participa na queda de Robespierre e toma a palavra contra ele na Convenção a 8 e 9 de Termidor.

d'ores et déjà

Em Setembro de 2002, Sylvain Creuzevault, Louis Garrel, Arthur Iguar e Damien Mongin criaram a companhia d'ores et déjà.

Éramos alunos do liceu, fazíamos teatro como outros fazem música, ou dança, ou judo, ou qualquer outra coisa que se é obrigado a fazer na ignorância do que se quer verdadeiramente fazer na vida. É uma associação gregária de bichos que tem por origem o medo do mundo. No dia em que cada um soube o que queria fazer, *d'ores et déjà* [desde já] tornou-se *doravante*.

Sylvain Creuzevault

Espectáculos

2003

Les Mains bleues de Larry Tremblay, enc. Sylvain Creuzevault

2004

Un Homme qui dort de Georges Perec, enc. Damien Mongin

2005

Cara de Fogo de Marius von Mayenburg, enc. Sylvain Creuzevault

2006

La Corde, criação de Damien Mongin
Foetus, criação colectiva, enc. Sylvain Creuzevault e Damien Mongin
Baal de Bert Brecht, enc. Sylvain Creuzevault

2007

Le Père Tralalère, criação colectiva, enc. Sylvain Creuzevault
Jackson Pan, criação de Lise Maussion

2008

Wald, criação de Antoine Cegarra

2009

Notre terreur, criação colectiva, enc. Sylvain Creuzevault

Próximo espectáculo

Ted Nash Quarteto The Mancini Project

Programador: Manuel Jorge Veloso



Jazz Ter 13 Abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Saxofones Ted Nash **Piano** Frank Kimbrough
Contrabaixo Jay Anderson **Bateria** Ali Jackson

Competentíssimo músico de estante e solista de mérito da Lincoln Center Jazz Orchestra, dirigida por Wynton Marsalis, o saxofonista norte-americano Ted Nash está desde há muito apostado numa carreira individual, liderando formações instrumentais de constituição muito diversa para a concretização de projectos musicais próprios e altamente individualizados. Para além disso, foi membro fundador e elemento muito activo do Jazz Composers Collective, um conjunto de músicos radicados em Nova Iorque, todos eles instrumentistas e compositores de primeiro plano e que muito têm contribuído para a renovação do jazz contemporâneo.

Entretanto, o projecto que Ted Nash vai apresentar neste concerto da temporada de jazz da Culturgest distingue-se pela escolha de um repertório que não é da sua autoria mas que saiu da talentosa

pena de Henry Mancini, um dos compositores mais importantes e prolíficos do cinema norte-americano, com cerca de duas centenas de filmes no seu activo.

Mancini não deve apenas ser circunscrito à música para o cinema popular ou mais ou menos sofisticado, como a série *Pink Panther* (iniciada em 1963) ou *Breakfast at Tiffany's* (1961) mas ainda como compositor ligado a obras de maior fôlego na história do cinema, como a obra-prima *Touch of Evil* (Orson Welles, 1958) ou ainda *Charade* (Stanley Donen, 1963) e *The Glass Menagerie* (Paul Newman, 1987), para apenas referir estes, ou mesmo a série policial televisiva *Peter Gunn*, que ficou famosa na passagem dos anos 60 para os anos 70.

Enfim, um concerto que pode ser ainda reconfortante para o imaginário e a memória cinematográfica do espectador.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo



Apoio institucional: Comissão
Nacional para as Comemorações
do Centenário da República



Apoio: Culturesfrance -
Ministère des Affaires étrangères